

INTERNATIONAL HANDBOOK OF RURAL DEMOGRAPHY

Lászlo J. Kulcsár e Katherine J. Curtis (Orgs.)

Londres: Springer, 2012, Series: International Handbooks of Population, v. 3

A DEMOGRAFIA RURAL EM EVIDÊNCIA

CARLA JORGE MACHADO

Trata-se de uma excelente iniciativa da Editora Springer o lançamento da primeira edição do manual intitulado *International handbook of rural demography*, dos organizadores (ou editores convidados) Lászlo J. Kulcsár e Katherine J. Curtis. Esse manual é o terceiro da série International Handbooks in Population, cujos títulos da série têm sido editados pela Springer desde 2009.

Em relação aos dois primeiros manuais, quais sejam, o *International handbook of population aging* (editado em 2009) e o *International handbook of adult mortality* (editado em 2011), sem dúvida este manual deu origem ao maior desafio dos organizadores,

tendo em vista a diversidade de temas escolhidos. Os temas são tratados com bastante profundidade, às vezes indo um pouco além do que necessitaria de fato ser incluído em um manual, tornando-o extremamente denso. Assim, talvez o manual peque pela ansiedade em expor todos os assuntos relacionados ao que se pode chamar de demografia rural (vou tratar, aqui, os estudos de população no meio rural dessa forma—encontrar a nomenclatura correta parece claramente um desafio dos próprios autores colaboradores).

Isso dito, cabe notar o cuidado na organização do livro, que o torna fácil para o leitor menos familiarizado com a demografia rural. O

capítulo 1, “Why does rural demography still matter?”, abre o livro estabelecendo a demografia rural como um problema por meio de dois eixos importantes: primeiro, é preciso que a dicotomia rural-urbana seja repensada e refeita, de tal forma que haja uma escala do “mais rural ao menos rural”, ou do “mais urbano ao menos urbano”; com isso, decisões de política que priorizem o meio urbano em detrimento do meio rural perderiam o sentido com a erosão dessa diferença de conceitos. Com efeito, para avançar nos conceitos e definições, o capítulo 2, “Challenges in the analysis of rural population in the United States”, trata da definição de rural, abordando o problema de se considerar o meio rural como um resíduo, ou seja, o que não é urbano. Em relação a esse primeiro eixo, cabe comentar o caso da China, onde a mudança de concepção e o rompimento da dicotomia poderiam modificar toda a sociedade, já que, ao nascimento, é dado ao

indivíduo uma identificação geral, sendo este percebido como alguém nascido ou não de uma família de agricultores. Os autores do capítulo 11, “Demographic structure and process in rural China”, explicam a origem de tal concepção de distinção entre as pessoas e o efeito perverso dessa desigualdade intrínseca a esse sistema de registro, que opera desde 1958 e é desfavorável aos trabalhadores do meio rural.

Em segundo lugar, é preciso compreender que é nas áreas rurais onde está a maioria dos recursos naturais que possibilitam o aumento da quantidade de produtos de maior valor agregado, essenciais em processos de urbanização. Mais uma vez, o caso da China vem à tona, pois, para citar um exemplo, os agricultores da China dependem unicamente de sua própria produção para sobreviver, enquanto os não agricultores têm acesso subsidiado pelo governo aos bens de consumo, além de acesso aos serviços públicos.

Também se explora o caso do Chile no capítulo 8, intitulado “The demography of rural Latin America: the case of Chile”. No Chile há uma desigualdade real rural-urbana, pois, a cada grupo de idade, a proporção dos que nunca foram formalmente escolarizados é maior no meio rural do que no meio urbano. Assim, a lacuna entre rural e urbano não é um artefato e torna-se densa e inaceitável.

Quanto à sua estruturação, o manual é composto por quatro seções, formadas por capítulos que podem ser lidos de forma independente. Os capítulos 1 a 6 tratam das definições e dos desafios na área de estudos sobre populações rurais, especialmente nos Estados Unidos. O capítulo 3, “Rural natural increase in the new century: America’s third demographic transition”, trata do crescimento da população rural no século XXI, o que é chamado da terceira transição demográfica nos Estados Unidos, na qual a entrada dos hispânicos reverteria a tendência de decréscimo do crescimento

natural no país. Os capítulos 7 a 14 abordam estudos mais específicos de dinâmicas de populações rurais: Europa, Chile, Ásia, África Subsaariana, China, México, Índia e Canadá. Dos capítulos 15 a 24, a interface da demografia rural e outras disciplinas são apresentadas por meio da inter-relação da dinâmica rural e as variáveis raça, etnia, família, gênero, relações de trabalho e saúde, ecologia e as questões ambientais. Por fim, nos capítulos 25 e 26 são feitas duas argumentações bem-sucedidas de compreender os problemas da África Subsaariana à luz do recente liberalismo econômico (capítulo 25, “Neoliberal democratization and public health inequalities in Sub-Saharan Africa: a proposed conceptual and empirical design”). Em seguida, há um fechamento do manual, discutindo os conceitos de “ruralidade” e “ruralismo” no século XXI (capítulo 26, “Divers ruralities in the 21st century: from effacement to (re)invention”).

Dessa forma, esse manual vem cobrir uma

lacuna importante na área de estudos rurais, especialmente na área de demografia rural, mas não somente nessa área. É útil para estudiosos na área de sociologia e de desenvolvimento econômico, auxiliando estabelecer novas bases para se pensar, numa perspectiva integrativa do rural-urbano, a qualidade de vida daqueles que vivem fora dos centros urbanos.

CARLA JORGE MACHADO — Professora (Nível Adjunto IV), Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Departamento de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, <carlajmachado@gmail.com>.